

REGISTROS NA AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Arthur Muller

No ano de 2004, trabalhei em um projeto social patrocinado pelo Instituto Pão de Açúcar de Desenvolvimento Humano. Eram aulas de atletismo e, ao final de cada aula, fazíamos uma roda de conversa com os alunos. A partir das discussões realizadas nessa roda, construíamos algum tipo de conhecimento, sempre a luz de valores norteadores da vida em sociedade. Esse projeto social visava a formação do cidadão crítico e atuante.

No ano seguinte, em 2005, após realizar as rodas de conversas, percebi que os alunos tinham muita dificuldade em lembrar daquilo que era conversado. Resolvi então registrar as “atas” em cartolinas e deixar fixada na sala de aula. Isso surtiu um efeito muito positivo. Todas as nossas conversas e observações estavam escritas com letras grandes e fixadas em um local onde todos poderiam ler.

Mas surgiu um problema: como fixar tantos cartazes se nosso espaço era limitado? A partir dessa necessidade, surgiu a idéia de termos um caderno de registros, ou seja, cada turma teria um caderno onde seria registrado todos os acontecimentos da aula de educação física. Trocaríamos as paredes da sala de aula, pelas folhas do caderno.

Devo dizer que no projeto social, esse caderno funcionou muito bem. Percebi que quando os alunos participam de qualquer processo de construção, eles legitimam a idéia. Participando dessa construção, a possibilidade de dar certo é muito grande.

Nesse projeto, como o enfoque era a formação do cidadão, a maioria dos registros eram acerca de combinado e regras estabelecidas para minimizar conflitos. Fazíamos a discussão sobre nossa aula e, a partir dos pontos positivos e negativos, elencávamos as maiores dificuldades e porque elas aconteciam para posteriormente, elaborarmos alguma regra ou algum combinado. Depois que todos tomavam conhecimentos dos fatos e da elaboração, registrávamos no caderno.

Após realizar esse trabalho no projeto social, comecei a aula em escola pública do estado de São Paulo. Sempre tive uma curiosidade muito grande em saber se daria certo em escola, porque, diferentemente do projeto, onde as crianças participavam por prazer, por vontade própria, na escola, as crianças deviam frequentá-la por imposição da lei.

No primeiro ano que dei aula na escola pública – 2006- não foi possível trabalhar com esse tipo de registros por questões burocráticas da própria escola. Iniciei os registros no caderno de educação física no anos de 2009, com alunos de terceira e quarta série (atual quarto e quinto ano respectivamente).

Esse ano, tentei ampliar a idéia dos registros para que não ficassem limitados somente a combinados e regras. Utilizando como modelos de aulas aquelas propostas no livro *Pedagogia da cultura corporal – críticas e alternativas*, comecei a propor para os alunos de terceira e quarta série pesquisas sobre esportes e movimentos, formas diferentes de realizar os movimentos e os esportes, entrevistas e palestras com pessoas envolvidas diretamente com esses esportes e, finalmente, o registro disso tudo.

PONTOS POSITIVOS:

- **cada turma ter um caderno:** toda vez que era feita a proposta de registrar os acontecimentos em um caderno, os alunos ficavam muito empolgados com essa idéia. Com certeza era um fator motivante para eles.

- **realizar o registro de combinados:** atualmente, enfrentamos alguns problemas com indisciplina que advém dos motivos mais variados possíveis; falta de acompanhamento dos pais, falta de limites, etc,... por muitas vezes, eram consumidos alguns minutos da aula de educação física para que os alunos se organizassem e sentasse no meio da quadra em roda para iniciarmos a aula. Com a utilização do caderno de registro, tudo poderia ser combinado da forma como os alunos julgassem como a mais adequada para eles (obviamente com a mediação do professor). Os alunos perceberam que era uma grande oportunidade para liquidar com algumas dificuldades que apareciam em nossas aulas, como por exemplo, a indisciplina .

- **todos registram no caderno:** isso deu resultado muito positivo, porque a partir do momento que os próprios alunos registravam aquilo que fora discutido, eles passaram a legitimar os combinados. Mas não só isso, através das discussões, os alunos passaram a tomar conhecimento das dificuldades enfrentadas, conseguindo se envolver mais nas soluções. Tudo foi construído juntamente com os alunos, inclusive a forma como eles registrariam.

- **riqueza de possibilidades:** a partir do momento que os alunos perceberam que existiam muitas possibilidades para realizarem determinados esportes, eles começaram a se interessar muito mais pelas aulas de educação física. Por exemplo, aproveitando a Copa do Mundo de futebol, sugeri que fizéssemos uma pesquisa. Não só o histórico, mas formas diferentes de jogar futebol; na grama, na areia, masculino, feminino, infantil. Em seguida, fizemos o jogo tradicional e na aula seguinte, em roda de conversa, pedi sugestões de formas diferentes para jogarmos futebol. Sugeri, inclusive, que poderíamos até modificar o nome do jogo. Ao final disso tudo, realizamos o registro. Nas aulas seguintes, a motivação e a empolgação dos alunos era visível. Entendo que isso aconteça principalmente por causa de dois fatores: 1) eles se tornam atores no processo. São atuantes diretamente e não meros participantes; 2) os esportes, historicamente, são seletivos e promovem a exclusão daqueles que não se adaptam. No momento em que os alunos têm a oportunidade de adaptar para sua realidade, se interessam mais e participam mais também. No decorrer das aulas, os alunos demonstraram um interesse maior nessa possibilidade de variação e diversificação.

- **todos têm a oportunidade de se posicionar:** partindo do princípio de que nada está pré-estabelecido, os alunos, através do diálogo, podiam modificar, combinar, reorganizar tudo aquilo que entenderem ser importante para o grupo, ou seja, não há limitações, desde que conversado e decidido em grupo. Consequentemente, incentivei os alunos a se posicionarem, porque uma vez decidido em grupo, o mesmo deverá realizar. Esse é um momento onde os alunos podiam contestar e propor novas possibilidades. Por exemplo, em uma reunião, os alunos da terceira série, após discutirem, dialogarem, estudarem e realizarem a dança rítmica, trouxeram como proposta a utilização de bastões de alongamento nessa modalidade. Todos entenderam que a ideia era interessante e, na aula seguinte, ficaram responsáveis por realizar alguma coreografia com esses bastões. Após todos os grupos realizarem a apresentação, fizemos uma reunião, onde todos puderam se posicionar a respeito das experiências vivenciadas. Um aluno registrou no caderno de registro o seguinte relato:

“...achei legal, porque a gente vê na televisão um jeito muito difícil de fazer e aqui na escola não ia dar para fazer, porque também não temos aquele monte de coisas que protege. E também tem que treinar muito para dar aquelas piruetas todas e cair de pé.”

Do nosso jeito, fizemos a ginástica e a sala inteira fez e olha que na primeira aula, os meninos não queria, fazer porque achavam que era coisa de menina,...”

(Helena – aluna da terceira série)

Esse relato é um feedback muito positivo para avaliação da prática, porque é exatamente essa a proposta do trabalho; fazê-los perceber que não existe um único meio e que tudo pode ser adaptado ou modificado, desde que conversado e combinado. Isso vale também para as regras de convivência e, a partir do momento que elas caem em desuso, se tornam desnecessárias.

- **construção das regras de convivência:** a partir das dificuldades de relacionamento que os alunos tem durante a aula de educação física, foi possível sugerir que os alunos formassem combinados para que conseguissem conviver com as diferenças individuais. Um exemplo muito comum nas escolas são os apelidos. Como fazer que os alunos chamem uns aos outros pelo nome? A primeira atitude que tive com a turma foi fazê-los pesquisar o porque cada um havia recebido aquele nome. Quem, na casa deles, havia sugerido o nome? Qual o significado do seu nome? Na aula seguinte, todos os alunos trouxeram as questões respondidas e fizemos os registro do significado de cada nome no caderno de educação física da turma. Em seguida, fizemos um levantamento dos apelidos que aquela turma utilizava e os seus significados e os alunos que receberam o apelido se posicionaram a favor ou contra os apelidos. Obviamente, a maioria dos apelidos serem pejorativos e os alunos se posicionaram contrários a esse tipo de vocativo. Então, ao final dessa reunião, fizemos um combinado: a partir daquela data, todos deveriam se chamar pelo próprio nome e evitar os apelidos. Claro que vez ou outro os alunos esquecem o combinado, mas quando isso acontece, convido o aluno que esqueceu o combinado a ir até o caderno, abrir na página onde esta o registro da reunião e ler novamente o combinado, voltando para aula em seguida.

- **os próprios alunos se policiam:** isso é um ponto muito legal dos registros, porque quando conseguimos chegar nisso, a turma já legitimou e absorveu o esquema do caderno. Ao contrário do que imaginei no início desse trabalho, as crianças não cobram de forma cruel umas das outras. Elas pontuam o combinado quando não é cumprido. Os excessos, obviamente, eram mediados, porque sempre tem um aluno que se exalta mais no momento que solicita silêncio ou cobra o cumprimento do combinado. Depois de um

certo tempo com esse tipo de procedimento, os próprios alunos já conseguem cobrar uma postura mais adequada do seu colega.

- **todos os alunos podem escrever no caderno:** nas primeiras reuniões, sempre pergunto aos alunos como faremos para registrarmos no caderno e, geralmente, todos querem escrever. Frente a essa situação, pergunto para os alunos como podemos fazer para todos possam escrever, pelo menos, uma ata de uma reunião. As propostas que sempre aparecem são: 1) obedecer a ordem da lista de chamada, 2) obedecer a ordem alfabética, 3) realizar um sorteio entre todos os alunos. Claro que, após a decisão do grupo, realizamos o registro no caderno. Os alunos que ainda não são alfabéticos, podem escrever da forma como conseguem. Por exemplo, em uma sala PIC de quarta série, tínhamos um aluno que ainda não era alfabético. Ele se encontrava na fase silábico com valor. No dia que ele era o responsável em realizar o registro, ele o fez da forma como ela conseguia e, em seguida, eu anotei ao lado o que ele queria de fato escrever (o mesmo procedimento adotado nas sondagens com os alunos, segundo as orientações do projeto Ler e Escrever das escolas estaduais do estado de São Paulo).

PONTOS NEGATIVOS:

- **dismitificação da prática da educação física:** infelizmente, muitos profissionais que trabalham em escola pública, muitos pais e, por muitas vezes, a equipe gestora não compreendem os conteúdos da educação física. Ainda estão com a visão de que a aula de educação física é dividida em aquecimento, parte principal e volta a calma. Ainda têm a visão de que a aula tem que ter necessariamente movimento (claro que ela faz parte, afinal, somos estudiosos do movimento humano, mas a aula não pode ser somente isso – o movimento pelo próprio movimento). Dificilmente, encontramos pessoas que entendem que deva ter uma consciência e uma intenção no movimento e isso só acontece através de estudo, pesquisa e experimentações. Muito ainda têm a visão de que a aula de educação física só é boa quando os alunos transpiram, correm, saltam. Muitos ainda não conseguem enxergar a aula de educação física dentro da sala de leitura, da casa do conto, da sala de informática, na sala de vídeo ou, simplesmente, no meio da quadra, conversando acerca de algum tema pesquisado. Essas práticas, por muitos, são mal vistas.

Outra dificuldade que senti durante o desenvolvimento desse trabalho foi modificar, também, o conceito que os alunos tinham sobre a educação física na escola. No início do ano letivo, os alunos ainda estranhavam um pouco os novos procedimentos. Ainda sentiam a necessidade do movimento nos padrões antigos, principalmente aqueles que já estavam na escola em anos anteriores. As pesquisas quando propostas traziam poucos resultados, ou seja, nem todos os alunos se empenhavam em realizar aquilo que era solicitado e, mesmo durante as rodas de conversa, sentia das crianças uma certa ansiedade para que a aula, segundo eles mesmo relataram, iniciasse logo. Os alunos não enxergavam a prática da roda, pesquisa e conversa como parte integrante da aula de educação física. Essa, realmente, foi uma dificuldade, mas como os alunos propunham formas diferentes de realizar as atividades, os jogos na educação física, logo eles compreenderam e aceitaram, porque aquilo que fosse combinado em um dia, seria aplicado na aula seguinte.

Na parte do planejamento pedagógico na escola, as coisas fluíram tranquilamente, porque temos uma grande flexibilidade para trabalhar, porém, nos encontros promovidos pelo estado de São Paulo com outros colegas professores de educação física da rede (OT – orientação técnica), ao relatar minha prática e minha experiência, senti, por muitas vezes, o julgamento negativo, o desprezo e o descaso. Aliás, isso é muito curioso, porque, ao mesmo tempo que o estado de São Paulo proporciona uma autonomia muito grande para os professores, ele (estado) incentiva às práticas tradicionais e retrógradas, como o Dia do Desafio, a Festa Junina e, principalmente, as turmas de ACD (aulas curriculares desportivas), que, na verdade, são as turmas de treinamento. O mais curioso e decepcionante é que parece que o que tem valor são os resultados, as competições, os torneios, as qualificações, as habilidades. Nessas orientações técnicas, no lugar dos relatos pessoais e trocas de experiências, ficávamos conversando sobre as competições, os resultados e formas mais adequadas de treinamentos. Claramente, havia uma projeção das turmas de ACD para as aulas de educação física ou seja, não havia diferença entre elas. Claramente, uma confusão entre o esporte da escola e o esporte na escola. Apesar disso, o preconceito era muito grande e, por muitas vezes, nem ao menos conseguia relatar essa experiência.

Ao mesmo tempo que recebia esse preconceito por parte de meus colegas de profissão, sentia uma pressão grande na escola, por parte do meu grupo gestor, para iniciar essas turmas de ACD na escola. No início do ano, começamos com essas turmas e o mais interessante é que, ao final de cada aula de treinamento, meus alunos

perguntavam se iríamos fazer a reunião para acertarmos novos combinados e formas de execuções. Encarei isso como um retorno positivo, porque, pelo menos, por parte dos meus alunos, os procedimentos estavam bem claros.

Atualmente, em algumas situações, deixei propositadamente de levar o caderno para a aula e os alunos cobraram. Em outro momento, dispensei a turma sem fazer a reunião e eles cobraram também. Eles assimilaram muito bem essa forma de trabalho e gostam muito. Hoje, os alunos encaram a reunião como uma oportunidade para modificar, transformar. Não nos prendemos a padrões impostos, em formas tidas como corretas de execução de determinado movimento para determinada atividade ou jogo. Para quem não acompanha e não conhece o trabalho desenvolvido, a aula de educação física esta totalmente desfigurada e descaracterizada (pelo menos, foi o que ouvi de um professor com prática desenvolvimentista), mas pelo menos, os alunos estão estudando o movimento, se aprofundando pesquisando e, principalmente, propondo formas diferentes de se fazer as atividades. Estão, também, propondo combinados que sejam coerentes e cabíveis ao grupo que estão inseridos, mas, acima de tudo, estamos, aos poucos, tirando a velha imagem da educação física; repetição, automação, reprodução, aceitação de movimentos padronizados. Nos desprendemos, também, daquele conceito de que a educação física na escola deva servir de suporte para a alfabetização dos alunos. Caminhamos no caminho contrário; as crianças alfabetizadas contribuem para o grupo no momento dos registros. Registros, aliás, que são outro ponto fundamental desse trabalho, porque as aulas de educação física, por serem vistas como 100% práticas, não proporcionam qualquer tipo de registro.

Realizo o trabalho com os alunos utilizando dois caminhos diferentes; realizamos pesquisas sobre o tema a ser desenvolvido, em seguida, a prática, depois, sugestões de formas diferentes para se realizar a mesma atividade e por último, o registro das experiências e dos pareceres dos alunos. O outro caminho é a respeito das regras de convivência; tudo aquilo que acontece durante as aulas, conversamos e acertamos combinados, registrando no caderno. Combinados, esses que, um dia, podem cair em desuso no momento em que todo o grupo já assimilou.